

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROF.º ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ANDRÉ PINTO DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO SEXUAL:
SEUS ENFOQUES, QUESTIONAMENTOS E ADVERSIDADES**

Biblioteca UESPI - PHB
Registro Nº M334
CDD 612.6
CUTTER S237e
V _____ EX. 01
Data 15 / 10 / 2010
Viso. [assinatura]

PARNAÍBA - PI
2010

Handwritten notes at the top left of the page.

Handwritten notes at the top right of the page.

Handwritten notes in the middle section of the page.

Handwritten notes in the lower middle section of the page.

Handwritten symbol or character on the left side of the bottom section.

Handwritten notes in the bottom middle section of the page.

Handwritten notes at the bottom of the page, including a horizontal line.

ANDRÉ PINTO DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO SEXUAL:
SEUS ENFOQUES, QUESTIONAMENTOS E ADVERSIDADES**

Monografia apresentada ao programa de curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, como pré-requisito para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da professora Mestra Lourdes Karoline Almeida Silva.

PARNAÍBA - PI

2010

**EDUCAÇÃO SEXUAL:
SEUS ENFOQUES, QUESTIONAMENTOS E ADVERSIDADES**

Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia da Universidade Estadual
do Piauí, como pré-requisito para
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia.

APROVADA EM: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA:

Lourdes Karoline Almeida Silva

Orientadora Professora Mestra Lourdes Karoline Almeida Silva

Examinador Externo: Professor Fernando Nascimento

Examinador Interno: Professora Raynna Beatriz da Silva Viriato

RESUMÒ

O estudo da educação sexual, neste trabalho, teve como objetivo descrever os principais enfoques trabalhados pela disciplina, ou seja, seus tabus e mitos, a existência dos diversos tipos de contraceptivos e o modo correto de uso, valores da escola no desenvolvimento da educação sexual abrangente, norteadora do desenvolvimento do estudo da sexualidade. Além disso, esta monografia frisa o respeito e o conhecimento do aluno, da escola e da família, no intuito do desenvolvimento escolar do jovem, adequado às colocações das diversas temáticas da educação sexual. Para isso, recorre a abordagens de valores e dúvidas apresentados pelos alunos, enfatizando a prática do professor nas resoluções dos questionamentos.

Palavras - chave: Educação Sexual, Escola, Aluno

ABSTRACT

The study of sex education, this had the goal to describe the main focus studied in the subject, in other words, the taboos and myths, the existence may types of the contraceptives and their right way to use of school's value, in the include development sex education, guide to sex education the development, of the school and of the family, for school development of young people. Adjusted on asserts of the many thematic on sexual education. For this it's uses boardings of values and dabts introduced by students, to emphasize the teacher practice in resolutions of questions.

Key Words: Sex education, School, Student

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO I – BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO MUNDO E NO BRASIL	8
CAPÍTULO II – DIVERSOS ENFOQUES DA EDUCAÇÃO SEXUAL.....	11
2.1 Tabus e mitos em relação à sexualidade.....	12
2.2 O Estudo dos contraceptivos na educação sexual.....	13
2.3. Educação para a prática sexual segura.....	14
2.4. Sexualidade e Educação Sexual.....	15
2.5. A importância da educação sexual na prevenção de DST/AIDS.....	18
2.6. Variáveis da Educação Sexual.....	19
CAPITULO III - A PESQUISA E DADOS DA PESQUISA.....	22
3.1 Análise e tabulação de dados.....	22
3.2 Importância da educação sexual.....	23
3.3 Orientação sexual como processo de intervenção pedagógica.....	24
3.4 Relação família-escola no processo da educação sexual.....	25
3.5 Diferentes tipos de abordagens sobre educação sexual e sexualidade....	26
3.5.1 Abordagem escolar.....	27
3.5.2 Abordagem familiar.....	28
3.5.3 Abordagem dos alunos.....	29
3.6 Postura dos alunos em relação à sexualidade.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICES.....	34

INTRODUÇÃO

A sociedade passa por uma série de avanços e mudanças sociais, econômicas, éticas e culturais que visa à qualidade de vida das pessoas. No espaço escolar também ocorrem essas mudanças e no encontro desses avanços, o ambiente da escola passou a ser um caminho para o estudo de temas, que até então eram considerados sem relevância e ainda causam receio, dificuldade e desentendimentos no momento de suas abordagens, tanto na escola, na família e na sociedade em geral, precisam ser trabalhados no sentido de sua desmistificação e de alerta e conscientização dos alunos.

Contudo, a educação em todo seu contexto através dessas diversas etapas e adversidades pela qual passa, faz com que isso seja necessário para que se alcance uma qualidade do aprendizado do alunado em ambas as partes, tanto pela escola como no ambiente familiar. Na construção desse desenvolvimento é importante alcançar os diversos temas, frisando suas abordagens, questionamentos e valores, para que essa qualidade seja alcançada.

No âmbito do desenvolvimento intelectual do(a) aluno(a) e diante de uma crescente demanda de mudanças que a sociedade passa, tem-se os temas transversais e complexos que são grandes aliados para uma educação completa. Em outras palavras, todas as formas de aprendizado precisam ser ensinadas de maneira eficiente e adequada ao aluno, respeitando os seus limites e conhecimentos, os quais cabe ao professor desenvolvê-los e à família auxiliá-los.

Sempre diante das inovações e de novas temáticas, o surgimento de dúvidas e o estudo de temas de difícil abordagem como educação sexual, sexualidade e seus questionamentos, acarretam uma série de mudanças no comportamento do professor como também do aluno. Pois até quando a autonomia do(a) professor(a) em dialogar sobre o assunto seria respeitada pela família ou pela sociedade? Qual seria a reação dos alunos diante do debate e implicações do tema?

No desenrolar dessas mudanças e na resolução das dúvidas inerentes ao tema, encontram-se maneiras tanto de respeitar a opinião do aluno resolvendo eficientemente os seus questionamentos, adequando os conhecimentos trazidos por eles de casa aos praticados na escola, como também a abordagem do tema pelo professor, promovendo a interação escola-família-sociedade.

Um dos problemas encontrados no estudo da educação sexual é sua contextualização para o meio, como também para a instituição familiar e para a sociedade, por se tratar de um tema complexo, que causa apreensão e gera dificuldades de abordagem, e faz com que a discussão em sala de aula e no meio social torne-se constrangedora por parte das escolas, professores e alunos.

O tema educação sexual e suas variáveis ganhou e continua ganhando grande respaldo devido ao grande número de pessoas que por falta de informação entram para as estatísticas seja por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), AIDS, gravidez precoce e entre outros. No entanto, através de estudos realizados acerca da diminuição desses problemas, o estudo do tema toma-se a cada dia grande aliado no entendimento e receptividade sobre o sexo e sua prática segura.

No âmbito da qualidade da educação e da qualidade de vida dos jovens, a sociedade, as escolas e as mais diversas entidades tentam transpor a barreira do preconceito existente sobre a educação sexual, e procuram assim repassar informações que visam abordar necessidades, tabus e vantagens de um estudo nas diversas esferas do sistema escolar em que professor e aluno estão inseridos.

Os objetivos que se apresentam na pesquisa pressupõem análises discursivas sobre educação sexual e suas temáticas no meio escolar, onde investigou-se as dificuldades encontradas pelo professor em debater os enfoques da educação sexual. O objetivo geral do estudo foi identificar os temas mais difíceis de serem ministrados pelos professores sobre educação sexual e, conseqüentemente, analisar essas dificuldades apresentadas por todo o contexto escolar.

Por outro lado, de encontro à qualidade do ensino no espaço escolar, mas sem excluir o espaço familiar, tem-se como justificativa aliar o estudo de temas complexos à vida do aluno, fazendo com que escola e alunado, sintam-se seguros no repasse e no entendimento das informações.

A educação sexual, apesar dos estudos realizados, continua a gerar dúvidas e o tema ainda é motivo de desinformação por grande parte da sociedade e principalmente no meio escolar. No entanto, para romper essa barreira, é importante desenvolver o tema sem confundi-lo com sexualidade. Aliás, o educador deve usá-lo como aliado na promoção da qualidade da vida sexual do aluno. Pois, os discentes possuem dúvidas e essas se não tiverem uma resolução convincente e segura, tornam-se problemas tanto para a família quanto para o educador.

Diante dessas observações sobre educação sexual, é importante o tratamento dado às abordagens do tema, considerando as indagações dos alunos, as dificuldades de questionamentos visando à relação família, escola e meio social.

Nesta pesquisa foram usados procedimentos metodológicos que se articularam como recurso norteador, tomando possível o acesso e o recolhimento dos dados, nos quais serão vistos o desenvolvimento da investigação e os resultados almejados.

O trabalho tem como estrutura três capítulos. O primeiro capítulo aborda o contexto histórico da educação sexual no mundo e no Brasil, descrevendo de maneira sucinta e significativa uma linha histórica do tema, abordando datas e personagens que desenvolveram e desenvolvem uma inserção do tema como meio de debate em diversas camadas da sociedade.

No segundo capítulo, trabalhamos os diversos enfoques imersos no contexto da educação sexual, visando demonstrar detalhes do estudo e a sua adequação às posições dos educadores, alunos e família, promovendo a “saudável discussão” e resolvendo os embates voltados à vida educacional. No terceiro capítulo, temos a análise dos dados coletados através da pesquisa

CAPÍTULO I

BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL E NO MUNDO

Este capítulo descreve a linha histórica existente sobre a educação sexual no mundo e no Brasil. Relata o tratamento das primeiras formas de educação sexual abordando o seu surgimento na Suécia e os questionamentos gerados por diversas sociedades e pela igreja, dirigindo-se ao Brasil, onde se destaca os principais eventos e datas relacionados ao tema.

Apesar de alguns estudiosos considerarem a França como o local de origem dos debates da sexualidade humana na escola, a educação sexual propriamente dita, sistematizada e organizada para ser ministrada nas escolas, teve como país pioneiro a Suécia, que a recomendou, em 1742, e a declarou obrigatória, em 1756. Em 1770, a Suécia realizou as primeiras conferências sobre o tema, mas nesta época a Era Vitoriana começou a ser difundida e por esse motivo, parou de se comentar sobre temas sexuais. Porém, no começo do século XX, as primeiras pessoas a se manifestarem contra a repressão vitoriana foram as mulheres, que estimularam a orientação sexual nas escolas suecas. Essas reivindicações foram sobre a livre informação dos métodos contraceptivos e a necessidade de uma educação sexual.

No Brasil, em julho de 1933, criou-se no Rio de Janeiro, o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES) comandado pelo médico José de Albuquerque. Esse círculo, em um primeiro momento, promoveu sob forma de palestras o “Curso Popular de Sexologia”, proferido pelo próprio José de Albuquerque, no Dirceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. A partir daí alguns programas de educação sexual foram transmitidos nas rádios do Rio de Janeiro e São Paulo, através de palestras semanais (VIDAL, 2008).

Além de promover palestras gratuitas para sociedade, o CBES, também promoveu a exibição de filmes nos cinemas do subúrbio carioca, como o longa metragem elaborado pelo próprio CBES, “A educação sexual nos diversos períodos da vida”, inaugurou a pinacoteca de educação sexual e abriu o museu de educação sexual. A atuação do CBES, depois do Rio de Janeiro e São Paulo, foi estendida também para Recife e logo após, abrangeu todos os estados brasileiros (*ibidem*).

A preocupação com o caráter popular da campanha pela educação sexual levou o CBES a mobilizar diferentes estratégias, todos relacionados aos meios de

comunicação de massa. A propagação de publicações e palestras dedicadas aos pais e professores e até mesmo aos alunos, deve-se em parte a grande proliferação da sífilis, que na época era considerada uma ameaça ao operariado e aos setores médicos da população. Isto é, a educação sexual surgiu como uma estratégia para preparar o homem e a mulher na construção de uma família sob bases seguras (*ibidem*).

Destaca-se ainda a Igreja Católica, entre as décadas de 1930 e 1950, que possuía o domínio do processo educacional da sociedade brasileira, mantendo uma opressão implacável à educação sexual na escola. Segundo a doutrina católica, para se evitar o perigo da educação sexual científica, as pessoas deveriam obedecer aos princípios da espiritualidade, sendo a favor da educação sexual na família (*ibidem*).

Na década de 1930, tanto a igreja como os que não estavam ligados a ela publicaram obras e proferiram palestras sobre o tema sexualidade e ambos se limitavam a determinados conceitos. À medida que eram lançadas as publicações, o tema sexualidade foi analisado pela psicologia da época (*ibidem*).

Na década de 1960, algumas escolas pioneiras tentaram implantar a orientação sexual nos programas para os alunos. Porém, com a argumentação de ser algo imoral, irresponsável e inútil, algumas secretarias de educação condenaram e proibiram esses programas (*ibidem*).

No entanto, em 1968, a deputada Julia Steinbruck, lançou um projeto de lei na Câmara dos Deputados, propondo a implantação da orientação sexual em todas as escolas do país. Mas, a comissão moral e cívica do Ministério da Educação e Cultura rejeitou o projeto alegando princípios teológicos, moralistas e sentimentais. Neste mesmo ano, foi publicado o Ato Institucional nº 5, estabelecendo uma extrema censura, prejudicando os institutos educacionais (*ibidem*).

Em 1978, a prefeitura de São Paulo realizou um projeto piloto de educação sexual nas escolas da rede municipal. Em 1980, também a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, através da sua coordenadoria de ensino e normas pedagógicas, organizou um planejamento para implantar a orientação sexual nas escolas estaduais paulistas (*ibidem*).

Com a abertura política na década de 1980, atentou-se para significados de fatos envolvendo os campos da sexualidade, novamente neste momento a

educação apareceu em destaque na imprensa. Época também em que as pílulas anticoncepcionais surgiram (*ibidem*).

Partindo desde a década de 1980 até os dias atuais, observa-se que na sociedade de hoje, depois de um período de repressão, surgiram novos comportamentos, preconceitos, tabus e antigas tradições, como: as mulheres através das crises econômicas tiveram que se lançar no mercado de trabalho estabelecendo assim uma maior liberdade tanto em seus pensamentos como também independência financeira e social revolucionando seu meio e dando início a libertação de antigos padrões culturais e sexuais (*ibidem*).

Na década de 1990, pesquisas foram realizadas e revelaram que 86% dos pais aprovavam a inclusão da educação sexual nas escolas, reconhecendo não só a sua importância, como também admitiram a grande dificuldade de tratar desse assunto em casa (*ibidem*).

Os anos 1990 trouxeram com frequência estudos sobre a temática ocasionados pelo culto ao sexo feito pelas massas televisivas e comerciais e também pelo grande número de pessoas infectadas pela AIDS. Portanto diante dessa situação, no ano de 1995, o Ministério da Educação e do Desporto coordenou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) a serem avaliados pelo Conselho Nacional de Educação. Surge em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica – LDB (Lei nº 9.394/96), que se refere à sexualidade, sendo que os mesmos a explicam como componente na formação do indivíduo em todas as etapas de aquisição do conhecimento (*ibidem*).

CAPÍTULO II

DIVERSOS ENFOQUES DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Este capítulo aborda os diversos enfoques que podem ser discutidos pela educação sexual, abrangendo seus fatores, suas implicações e questionamentos aliados ao meio escolar, familiar e sócio.

O primeiro passo para a compreensão da educação sexual é entender que a sexualidade é intrínseca do ser humano, não podendo deixar de ser levada em consideração a vivência em uma sociedade onde há uma extrema valorização do superficial e do aparente, ensinando-se a obtenção de vantagens em tudo e até encarar o outro como um simples objeto a ser usado. Sendo assim, torna-se necessário o estudo da sexualidade dentro da escola, como também expandir as formas de conceito do tema para outros setores do campo social ao qual o aluno pertence. Ou seja;

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, a sexualidade, constituída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciências, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então como singularidade de cada sujeito (PCN, 1997, p.117).

Assim, a sexualidade é uma expressão cultural com sentido amplo, pois cada sociedade cria um conjunto de normas que compõem padrões essenciais para atitude sexual de cada sujeito. Por isso, o dever de vê-la em um ângulo que envolva os aspectos psíquicos, biológicos e socioculturais.

O maior problema nesse processo da efetivação da educação sexual é em relação a quem efetivamente executa o trabalho de orientação sexual e com quais níveis (linguagem, adequação) essas informações são repassadas, pois embora a sexualidade e sexo venham a ser algo que gera grandes discussões, ainda existem muitos tabus e preconceitos em torno deles.

Diante das dúvidas sobre sexo e sexualidade, a criação de tabus e mitos sobre o tema torna-se cada vez mais presente no imaginário dos adolescentes. E

temas como masturbação, sexo “desgastante” e “sujo” e limites para a prática do sexo sempre surgem como objetos de questionamentos, os quais exigem escola, sociedade e família abertas e informadas, para que os jovens possam abrir caminhos para um diálogo seguro.

2.1 Tabus e mitos em relação à sexualidade

A masturbação é um comportamento absolutamente normal e pode estar presente em qualquer idade. As fantasias vinculadas a ela são fontes de culpas universais. Segundo algumas crenças religiosas, como o Cristianismo, a masturbação é considerada um pecado, pois a finalidade do ato sexual é unicamente a reprodução. Contudo, é importante que os pais possam permitir esse comportamento em seus filhos, oferecendo a privacidade necessária a eles, evitando que suas próprias inibições e repressões afetem o início da vida sexual das crianças. Evitar propagação de mitos como os que dizem que quem se masturba tem tendências à loucura, à epilepsia, à esquizofrenia e ao crescimento anormal de pêlos nas mãos é um início para a desmistificação da sexualidade. Para tanto, faz-se necessário enfatizar que a masturbação é um ensaio essencial para a realização sexual de um adulto (PARISOTTO, 2001).

Além deste, tem-se o da peroração do sexo como algo “sujo”. Todavia, as secreções vaginais e o sêmen não são sujidades, do ponto de vista da medicina. De acordo com Luciana Parisotto, o muco presente na vagina é responsável pela lubrificação para a atividade sexual não ser dolorosa, devido ao atrito do pênis, e pela manutenção da flora vaginal saudável. Somente em condições de infecções (vulvovaginites) podemos observar mau cheiro, sintomas de ardência e coceira na região. O mesmo ocorre com o sêmen. Este é composto por secreções que ajudam a lubrificação e o deslocamento dos espermatozoides. Em condições normais, não há infecções (*ibidem*).

Outro tabu presente no imaginário popular é a crença de que quanto mais se faz sexo, menos sexo sobrar para as relações futuras. O que ocorre é uma variação na frequência sexual de acordo com a idade da pessoa. O hormônio responsável pelo desejo sexual masculino é a testosterona. Essa substância diminui um pouco em sua produção com o passar dos anos, além de o próprio corpo ficar

mais fatigado com a idade. Então, não deve existir preocupação com o número de ejaculações ou orgasmos na juventude (*ibidem*).

A exigência social que impõe ao homem uma postura de urgência ao sexo é outro mito sobre sexualidade. Normalmente, o jovem tem maior disposição ao sexo. Tem mais apoio social que a mulher para as satisfações sexuais. Na puberdade, apresenta maior frequência de atividade sexual e de masturbação quando comparado à mulher de mesma idade. Tem o período refratário curto e ansiedade constante em ejacular. No homem mais velho, o período refratário aumenta, tal como a saciedade – satisfação sexual plena após atividade sexual. Devido a um específico estágio do sono, há maior tendência de se ter ereções (as chamadas "ereções do mijo"). Mas ao longo do dia, a vontade sexual pode variar e é absolutamente normal um homem não apresentar desejo sexual (*ibidem*).

Diante desta perspectiva, observa-se a necessidade de professores informados sobre as problemáticas do sexo e da sexualidade, como: doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e AIDS, a existência e o uso correto de contraceptivos e gravidez precoce, para que possam então estabelecer estratégias eficazes no repasse do conteúdo.

2.2 O estudo dos contraceptivos na educação sexual

Anticoncepção não pode ser tratada como uma questão simples em nenhuma faixa etária, especialmente, na adolescência. Atualmente, não existe nenhum método anticoncepcional ideal ou absolutamente eficaz e desprovido de riscos ou de efeitos indesejáveis, independentemente de atributos biológicos e/ou psicossociais. Portanto, a orientação referente à escolha do método deve ser particularizada, em função do perfil de cada adolescente, de suas condições de saúde, momento de vida e preferências. Para isto, recomenda-se a realização de consulta com médico ou profissional de saúde habilitado (SANTOS JÚNIOR e MIRANDA, 2009).

Os métodos contraceptivos também são importantes na construção de uma educação sexual esclarecedora, pois são processos que permitem evitar uma gravidez não desejada. Dentre os métodos contraceptivos, tem-se a camisinha que ajuda a prevenir DST's. Os métodos contraceptivos podem ser: naturais – consistem em calcular o período fértil e, desta forma, evitar que ocorra fecundação. Assim,

durante este período, deve-se evitar as relações sexuais – abstinência periódica; e não naturais – impedem a gravidez através de dispositivos locais (diafragma, camisinha feminina), de medicamentos com hormônios sexuais sintéticos (anticoncepcional hormonal) e de intervenção cirúrgica (vasectomia, laqueadura tubária), ressaltando que este último método não é recomendado na adolescência (Ministério da Saúde, 2010).

A democratização desses dados permite trabalhar de forma mais abrangente a sexualidade, atendendo ao objetivo de aprimoramento das informações com a participação do círculo social do aluno – família, escola e sociedade –, fator preponderante na formação de jovens mais conscientes e adultos com uma melhor carga de discussão sobre essa temática. Entretanto, a grande maioria dos professores alega a carência de parceiros por parte da escola e de profissionais de outras áreas, limitando o número de informações tanto para o aluno como para a escola (MARTINS *et al.*, 2006).

O entendimento da educação sexual volta-se mais diretamente para o processo ensino-aprendizagem de conteúdos relacionados à sexualidade por valorizar o aspecto informativo e formativo do processo, em cujo espaço possa haver o propiciamento da discussão de valores, atitudes e preconceitos. Considera-se ainda a importância da discussão de dúvidas, sentimentos e emoções.

2.3 Educação para prática sexual segura

Diversos fatores existem para que haja embasamento nos conceitos elaborados pelos jovens e pelo seu meio social. Desta maneira, o conhecimento sobre métodos anticoncepcionais e a identificação de fatores ligados ao seu uso adequado é um avanço na melhoria de vida dos adolescentes nas mais diversas faixas etárias, pois demonstra que o conhecimento sobre o uso correto dos contraceptivos é fator preponderante nas análises das bases de riscos dos quais a prática de sexo não seguro oferece.

Variáveis como condição socioeconômica, nível escolar e menor idade influenciam na percepção do conhecimento sobre o uso de anticoncepcionais – fatores importantes do início de uma vida sexual precoce. Portanto, a falta de informações configura-se fator de recusa e aceitação do uso de contraceptivos.

Trabalhar junto aos jovens a existência dos mais diversos tipos de métodos contraceptivos e elaborar um maior leque de opções e possibilitar uma vida sexual segura ao jovem. O fato dos jovens desconhecerem a existência de outros métodos faz com que haja uma procura na união entre escola e meio social. Isto ressalta que uma prática sexual segura relaciona-se ao conhecimento, e a escola como transmissor do mesmo procura meios de adequar em seus conteúdos o ensino e o uso do maior número de fatores de prevenção para tentar sanar ou diminuir os questionamentos existentes.

2.4 Sexualidade e educação sexual

Compreender a sexualidade, suas dúvidas e benefícios, exige uma base de informações, muitas vezes adquiridas de forma errada ou incompleta, gerando um maior número de questionamentos do que esclarecimentos. Aliás, os níveis de troca de informações a respeito de doenças sexualmente transmissíveis – DST's e gravidez precoce, entre adolescentes e o meio social no qual estão inseridos não são suficientemente sanados em conversas informais.

As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias, ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola. Essas práticas se fundamentam na ideia de que o tema deva ser tratado exclusivamente pela família. Aliás, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens mesmo aquelas que nunca falaram de forma aberta sobre o assunto. Pois,

O educador deve estar atento para a necessidade de repetir o mesmo conteúdo já abordado. Os jovens e crianças vivem suas curiosidades e interesses em momentos próprios e diferentes umas das outras, ocorrendo muitas vezes estudo e a discussão de um tema de pouca apropriação desse conhecimento para algumas. A retomada é importante e deve ser feita sempre que as questões trazidas pelos alunos apontarem sua pertinência (PCN, 1997, p 143).

Cabe destacar que a sexualidade é um termo amplamente abrangente que engloba inúmeros fatores e dificilmente se encaixa em uma definição única e absoluta. Teoricamente, a sexualidade assim como a conhecemos, inicia-se juntamente à puberdade ou adolescência, que ocorre, geralmente, por volta dos 12

anos de idade (Art. 2º – Estatuto da Criança e do Adolescente). Entretanto, ela não se configura exatamente desta forma. O termo “sexualidade” remete a um universo relativo, pessoal e paradoxal. É o traço mais íntimo do ser humano e se manifesta diferentemente em cada indivíduo de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas por cada um (SOUZA, 2008).

A sexualidade entendida como busca de prazer, descoberta de sensações, atração por outras pessoas do sexo oposto e/ou mesmo sexo, entre outras características, liga-se diretamente a fatores genéticos e principalmente culturais. Em relação a este último, o contexto influi diretamente na sexualidade dos indivíduos (*ibidem*).

Geralmente, confunde-se o conceito de sexualidade com o do sexo propriamente dito. Salienta-se que um não precisa necessariamente acompanhar o outro. Sexualidade é uma característica geral experimentada por todo ser humano e não necessita de relação com o sexo. Pode-se entender como constituinte da sexualidade, por exemplo, a necessidade de admiração e gosto pelo próprio corpo, o que não significa uma relação narcísica de amor incondicional ao ego (*ibidem*).

Os adolescentes que compartilham informações sobre sexualidade mostram que são, principalmente, com os amigos que estabelecem conversas mais frequentes sobre sexo. Em uma pesquisa realizada sobre esta temática, os números percentuais mostram que as conversas em círculos de amizade representam 57% entre os homens e 45,3% entre o público feminino. Em seguida, aparecem mulheres e outros familiares (19,7%) e os pais (18,7%) (BORGES *et al.*, 2006).

No que diz respeito de com quem os jovens tiram suas dúvidas sobre sexo e de como evitar uma gravidez, os amigos ocuparam lugar de destaque tanto no meio feminino quanto no masculino. Contudo, os questionamentos relacionados à DST's/AIDS são esclarecidos por profissionais da saúde e professores. Ou seja, 33,9% do público masculino e 36,5% do público feminino. Quanto a questões complexas envolvendo a sexualidade, os jovens procuram profissionais qualificados, médicos, enfermeiros e profissionais da saúde, demonstrando, então, que se há uma necessidade de esclarecimentos, as conversas informais com os amigos passam a ser deixadas em um segundo plano (*ibidem*).

Evidencia-se que apesar do destaque dado aos amigos, outras pessoas do núcleo familiar e da sociedade em geral fazem-se necessárias no tocante à saúde sexual dos jovens. As famílias que utilizam o diálogo aberto como ferramenta

de conscientização, estabelecem uma relação confiável, em que os pais são agentes de aprendizagem, pois segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação,

Será por meio do diálogo, da reflexão da possibilidade de reconstruir informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro, que o aluno conseguirá transformar e/ou reafirmar concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código e valores (PCN, 1997, p 128).

Sendo que quanto mais amplo o ciclo social, no qual o jovem esteja imerso, mais adequado será o número de informações absorvidas por ele, desde que esse ciclo social seja dotado de informações seguras e o fluxo destas ocorram abertamente. Neste sentido, é importante que os profissionais, que lidam com jovens na busca de uma orientação sexual mais eficiente, tenham capacitação na área. Além disso, a orientação a ser dada pelo professor não pode ser preconceituosa e nem carregada de códigos morais, biológicos ou religiosos. Em outras palavras,

A orientação sexual é algo que só pode ser feito recuperando a integralidade humana, quer em seu sentido biopsicossocial quer em seu sentido espiritual. Todavia no que se diz respeito à recuperação da corporeidade, esta se dá exatamente quando não se parte de certo biologismo mecanicista e fisiológico. No que respeita à própria sexualidade como um todo, tudo se empobrece e descaracteriza quando passa-se a entender orientação para o sexo como de ensino de anatomia, fisiologia e conceitos de higiene genitália (MARÇAL, 1990, p. 2).

Devem ser utilizadas preferencialmente terminologias próprias, evitando, dessa forma, o uso de gírias. O(a) adolescente deve ser orientado sobre as transformações que ocorrem em seu corpo, sobre as sensações sexuais, o caráter normal da masturbação, da curiosidade sexual, do tamanho dos órgãos genitais e sobre o ato sexual propriamente dito e suas consequências. No caso de adolescentes que já tenham atividade sexual genital, ou estejam prestes a iniciá-la, estes devem ser orientados quanto à anticoncepção e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (Ministério da Saúde, 2010).

2.5 A importância da educação sexual na prevenção de DST's /AIDS

O momento mais propício para se abordar esse tema é quando algo referente a ele é trazido pelos próprios alunos ou é vivenciado na comunidade escolar, onde caso isso não ocorra, a abordagem do professor é de grande importância, fazendo com que ocorra o levantamento de conhecimentos prévios dos alunos sobre as doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS.

A busca de conhecimentos dos adolescentes sobre prevenção, transmissão, sinais e sintomas de DST/AIDS faz com que a escola tenha uma maior participação na elaboração de ações educativas, que visem à junção de diversos seguimentos da vida social, escolar e familiar do aluno, na construção de intervenções mais eficazes na elaboração de informações recebidas e de discussões dos obstáculos emocionais e culturais que impedem a adoção de condutas preventivas. Pois segundo dados da Organização Mundial de Saúde, a pandemia da AIDS mata a cada dia mais de 5.700 pessoas em todo o mundo e contamina outras 6.800, e já matou 25 milhões de pessoas desde a aparição da doença, em 1981, e continua atingindo várias regiões do mundo, sobretudo na África subsaariana

A adolescência é vista como um período de transição entre a infância e a idade adulta, período esse de mudanças anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais, na qual ocorre a formação da identidade do adolescente. Partindo dessas informações a respeito do amadurecimento biológico e das manifestações sexuais próprias da idade, pode-se descrever o aparecimento de mais um problema enfrentado pelos adolescentes, que é a extensão dos sentimentos para alguém do sexo oposto e/ou do mesmo sexo e fora do círculo familiar, sentimentos antes que prevaleciam apenas em relação aos pais (BRÊTAS *et al.*, 2008).

Por outro lado, tem-se a rede social frequentada pelo jovem como algo relevante, pois faz com que cada um tenha uma base para perceber e interpretar suas próprias experiências. O papel que cada adolescente assume no campo social durante a prática de sua sexualidade pode representar riscos, como as doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e AIDS (*ibidem*).

Ressalta-se que os jovens não desconhecem totalmente as DST's e AIDS, pois muitos, de alguma forma, já obtiveram aconselhamentos a respeito dos riscos destas doenças, tais como palestras em escolas, programas de saúde

desenvolvidos pelos governos, debates promovidos sobre a temática e conversas informais. Assim, há uma variação no grau de conhecimento quanto às DST/AIDS, por exemplo, nas formas de prevenção e de obtenção de pareceres sobre o tema. Observa-se também que a mulher adolescente possui mais bases de conhecimentos sobre sexo e sexualidade do que os adolescentes do sexo masculino. Isto é,

Discussão das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, o enfoque deve ser coerente com os princípios gerais e não deve acentuar a ligação entre sexualidade e doença ou morte. As informações sobre as doenças devem ter sempre como foco a promoção de condutas preventivas, enfatizando-se a distinção entre as formas de contato que propiciam risco de contágio daquelas que, na vida cotidiana, não envolvem risco algum (PCN,1997,p 147)

2.6 Variáveis da educação sexual

A escola, como responsável pela educação e por parte do desenvolvimento do indivíduo, não pode se omitir ao se tratar da sexualidade. A escola é o espaço privilegiado da promoção de encontros, palestras, debates com toda a participação do corpo escolar, professores, alunos, família e sociedade; espaço de desmistificação do sexo e de construção de educação sexual como forma de luta e mudanças. De acordo com Roberto Marçal,

Já é hora de encararmos a educação sexual também como forma de luta contra a desigualdade, o preconceito e a violência. De questionarmos e analisarmos o conteúdo subliminar dos programas oficiais ou tentativas de orientação sexual (MARÇAL, 1990, p. 52).

No tocante às questões acerca da educação sexual, suas dúvidas, implicações e objetivos, discute-se os valores e a importância do papel do professor diante da orientação sexual na escola. Valores como igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres faz com que haja uma intensa participação de ambos os sexos no que diz respeito a uma educação sexual mais participativa e menos exclusiva, atendendo assim ao reconhecimento das diferentes expressões da sexualidade (Ministério da Educação, 2010).

Quanto à esfera dos objetivos da educação sexual, o estabelecimento de uma aceitação positiva e confortável do corpo sexuado, do prazer e da afetividade, a criação de atitude não sexista, ajuda a construir igualdade na prática sexual, não

discriminando a face de diferentes expressões e orientações sexuais; e a prevenir doenças (*ibidem*).

Outro fator são as competências individuais que cada sujeito adquire, a tomada de decisões responsáveis, a recusa a comportamentos não desejados ou que violem a dignidade e os direitos pessoais, a participação da família no dever inquestionável da educação quanto à articulação escola e família, espaço em que se encontram formas de rendimento das intenções educativas. Destaca-se a necessidade de evitar que, em torno das atividades de educação sexual desenvolvida nas escolas, se criem entendimentos ou receios infundados acerca da finalidade da educação sexual (*ibidem*).

É importante então fazer uma análise do desenvolvimento integral do jovem para que lhe sejam oferecidos espaços nos quais possa obter uma orientação sexual e sobre como expressar sua sexualidade, tendo a escola como um campo favorável a essa orientação (Marçal 1990).

A formação crítica e adequada contribui para moldar o perfil e o papel mais justo ao orientador sexual, que como qualquer outro educador, é agente de transformação e multiplicador de valores e comportamentos de indivíduos, grupos e sociedades. É importante frisar que o educador não pode repassar modelos, mas analisar, juntamente com os adolescentes, as diferentes linhas de pensamentos, para que haja a elaboração de um programa que vá ao encontro das necessidades e expectativas dos alunos. A este programa, Marçal (1990) dá a denominação de processo de troca de informação e recepção.

Vale ressaltar ainda a questão do número de materiais para o estudo das questões do aluno, sem levar em consideração a elaboração de conteúdos específicos para o estudo do professor em termos de análise da execução de sua prática docente, devido ao difícil acesso a materiais específicos para estudo. Em outros termos,

A ênfase dada pelos programas de orientação sexual e a grande maioria dos textos e trabalhos se voltam para como trabalhar com o aluno: o que fazer, como fazer, quais os problemas que o aluno enfrenta, etc. É difícil encontrarmos material de fácil acesso para reflexão crítica dos profissionais que pretendem atuar em orientação sexual (MARÇAL, 1990, p. 19).

A abordagem da educação sexual deve ser crítica, capaz de gerar uma ação reflexiva e que englobe questões socioeconômicas, culturais e psicológicas, abertas ao diálogo e valorizadora da visão de mundo do jovem (*ibidem*). Porém, os meios de comunicação de massa, particularmente, a televisão tem desempenhado de maneira eficiente um pronto serviço no repasse de normas e de condutas preconceituosas, de desconscientização no sentido de fornecer informações e conceitos opressores relacionados à vivência sexual e social do indivíduo, sendo que os meios de comunicação tem como sua verdadeira função, em termos normativos, oferecer informações corretas e promover o bem-estar no auxílio de resoluções às questões de conteúdos de difícil compreensão. Para Roberto Marçal,

[a] atuação dos meios de comunicação facilitaria muito o desenvolvimento de programas de orientação sexual localizados em escolas, fábricas, instituições, postos de saúde, enfim, em locais que reúnam grupos onde haja necessidade e interesse por este tipo de orientação (MARÇAL, 1990, p. 19).

Ao se pensar em uma educação sexual nos termos de uma abordagem ampla, de estímulo aos relacionamentos, a afetividade é valorizada e a cultura e as relações sociais se apresentam como esferas ativas na questão da sexualidade e da educação sexual, possibilitando, dessa forma, discussões de padrões e realidades (*ibidem*).

Contudo, na compreensão de uma educação sexual abrangente, tem-se como prioritário o entendimento de que somente com a democratização de dados, como os números de pessoas mortas e infectadas com AIDS e doenças sexualmente transmissíveis, existência e uso correto de contraceptivos, sexualidade e toda sua abrangência, jovens e adultos conhecendo melhor seu próprio corpo, livre de preconceitos e tabus e professores melhor preparados e conseqüentemente escolas mais preparadas, será possível, então, alcançar fórmulas de qualidade de ensino na área.

CAPÍTULO III

A PESQUISA E DADOS DA PESQUISA

Para a realização desta pesquisa investigativa, delimitou-se como campo de estudo duas (02) escolas que ofertam os anos iniciais de 1º ao 5º ano do ensino fundamental menor da rede pública municipal da cidade de Parnaíba-PI, selecionados aleatoriamente, por meio de sorteio. Em cada uma destas instituições de ensino foram aplicados instrumentos de coleta de dados através de questionários contendo oito (08) perguntas cada.

O questionário foi aplicado com quatro (4) professores destas escolas, não havendo necessidade de identificação dos entrevistados, pois o pesquisador mantém uma interação de sigilo dos sujeitos da pesquisa.

Nas escolas pesquisadas, foram selecionadas as turmas de 5º ano dos turnos da manhã e tarde, onde atuam os professores que forneceram as informações para a pesquisa, sendo que os dados foram coletados por meio de questionário aplicados entre os meses de outubro e novembro de 2009.

A pesquisa teve abordagem quantitativa com levantamento de dados estatísticos. Os dados foram interpretados por meio de gráficos e foram analisados por comentários cujo objetivo foi obter uma visão acurada da realidade pesquisada.

3.1 Análise e tabulação de dados

Gráficos do questionário aplicado aos professores do 5º ano do ensino fundamental das duas escolas pesquisadas, nos turnos manhã e tarde, da rede pública municipal de Parnaíba-PI. Para melhor analisar e interpretar os dados, a pesquisa foi subdividida em categorias, organizadas nos itens apresentados a seguir:

1. Importância da educação sexual
2. Orientação sexual como processo de intervenção pedagógica
3. Relações família-escola no processo da educação sexual
4. Tipos de abordagem sobre educação sexual e sexualidade
 - 4.1 Abordagem escolar
 - 4.2 Abordagem Familiar

4.3 Abordagens dos alunos

5. Postura dos alunos em relação à sexualidade e seus temas

As categorias apresentadas darão suporte para as análises e discussões dos resultados.

3.2 Importância da educação sexual

Gráfico 1

Importância da educação sexual



Fonte: Questionário

O primeiro questionamento abordado na entrevista direcionada aos professores tratava se os mesmos consideram importante fazer abordagens sobre educação sexual na escola. 100% dos professores disseram que é importante fazer abordagens sobre educação sexual na escola. Observa-se que os entrevistados conhecem e entendem a relação do assunto com o desenvolvimento do educando.

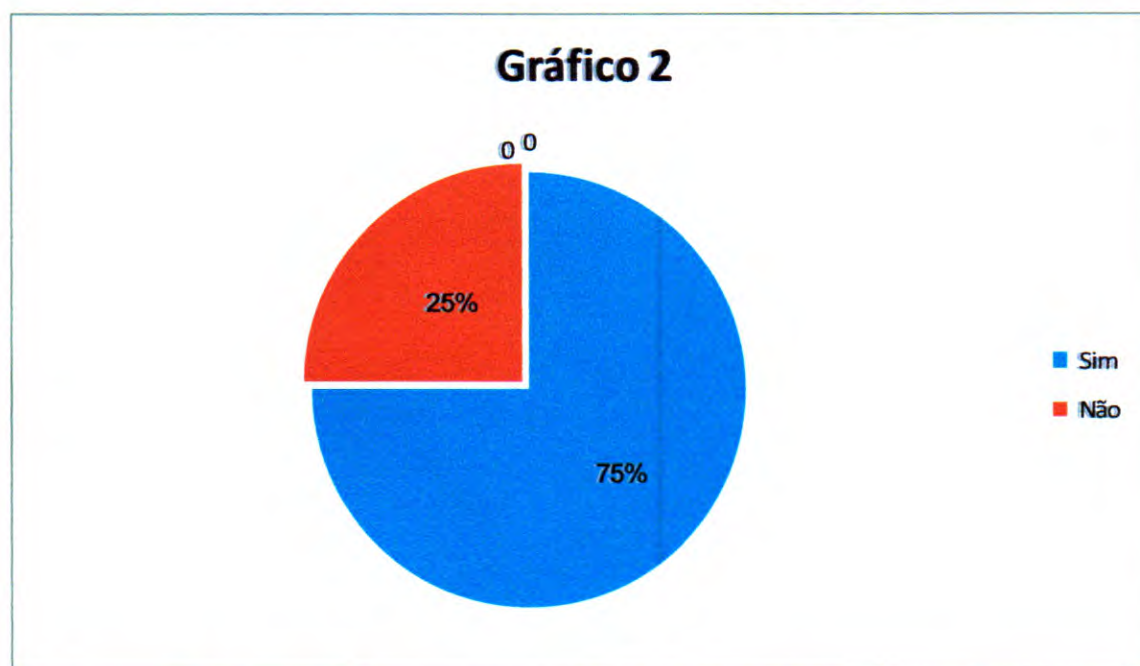
Temos, portanto, máxima aprovação dos entrevistados em relação à importância da educação sexual, que enfatiza a sua aplicabilidade, valorizando costumes e relações dos alunos e fazendo entender que a educação sexual não é apenas um manual de instrução de como fazer sexo. Pois, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Brasileira, o objetivo do trabalho de orientação

sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Dessa forma, pode-se veicular o exercício da cidadania na medida em que, de um lado, haja a proposta de trabalhar o respeito por si e pelo outro, e, por outro lado, a garantia de direitos básicos a todos.

3.3 Orientação sexual como processo de intervenção pedagógica

Gráfico 2

Orientação sexual como processo de intervenção pedagógica



Fonte: Questionário

Os professores foram questionados sobre se consideravam a orientação sexual um processo de intervenção pedagógica de dever da escola.

O segundo gráfico mostra que 75% dos professores responderam que consideram a orientação sexual como um processo de intervenção pedagógica de dever da escola e 25% dos professores declararam que não consideram a orientação sexual como um processo de intervenção de dever da escola.

Diante dos dados acima, pode-se dizer que os professores pesquisados em sua grande maioria sabem da importância da escola no ambiente da educação sexual. Os professores entendem que a instituição escolar é um dos campos ideais

para que o aluno receba orientações sobre sexo e sexualidade. Com isso, a escola encontra-se parcialmente gabaritada para discutir a sexualidade humana e os problemas que são gerados em torno dela, podendo assim criar programas de estudos para o entendimento das questões relacionadas ao sexo e sua prática segura. Diante disso:

Cabe a escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por parte dessa reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola de orientação sexual constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação (PCN, 1997, p 121).

3.4 Relação família-escola no processo da educação sexual

Gráfico 3

Relação família-escola no processo da educação sexual



Fonte: Questionário

Quando questionados sobre de quem é realmente o dever de discutir, levantar abordagens e esclarecer dúvidas da educação sexual dos jovens tem-se um dos temas mais discutidos sobre a educação sexual, que é a relação família-

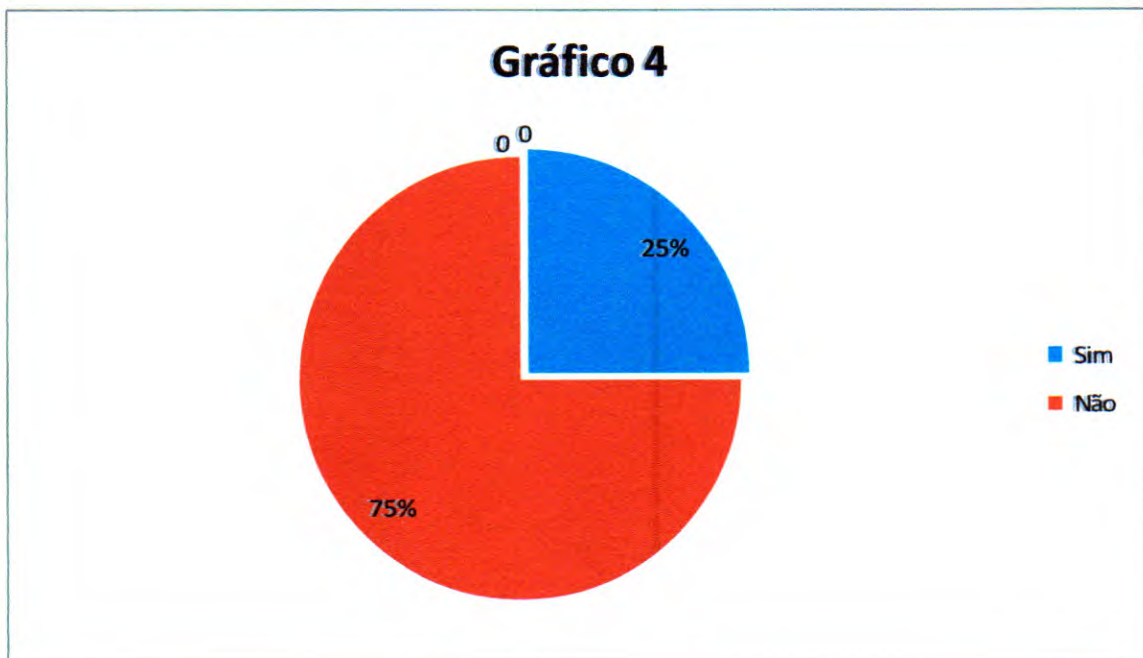
escola existente como elemento norteador no estudo dessa temática. Quanto à concordância ou não de que para um esclarecimento menos imparcial e mais abrangente da educação sexual, haveria a necessidade de uma integração família e escola, 100% dos professores entrevistados concordaram com uma integração entre escola e família, e ressaltaram a necessidade da ligação entre ambas, dividindo responsabilidades, no intuito de gerar igual convivência, tanto do jovem em relação à escola e família, como por parte da família em relação ao jovem e o meio escolar. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A escola deverá informar aos familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos de orientação sexual na proposta curricular e explicar os princípios norteadores da proposta. O diálogo entre escola e família deverá se dar de todas as formas pertinentes a essa relação (PCN,1997,p 124)

3.5 Diferentes tipos de abordagens sobre educação sexual e sexualidade

Gráfico 4

Diferentes tipos de abordagens sobre educação sexual e sexualidade



Fonte: Questionário

Quando os professores foram questionados se já tiveram de fazer abordagens sobre temas envolvendo educação sexual e sexualidade, os dados

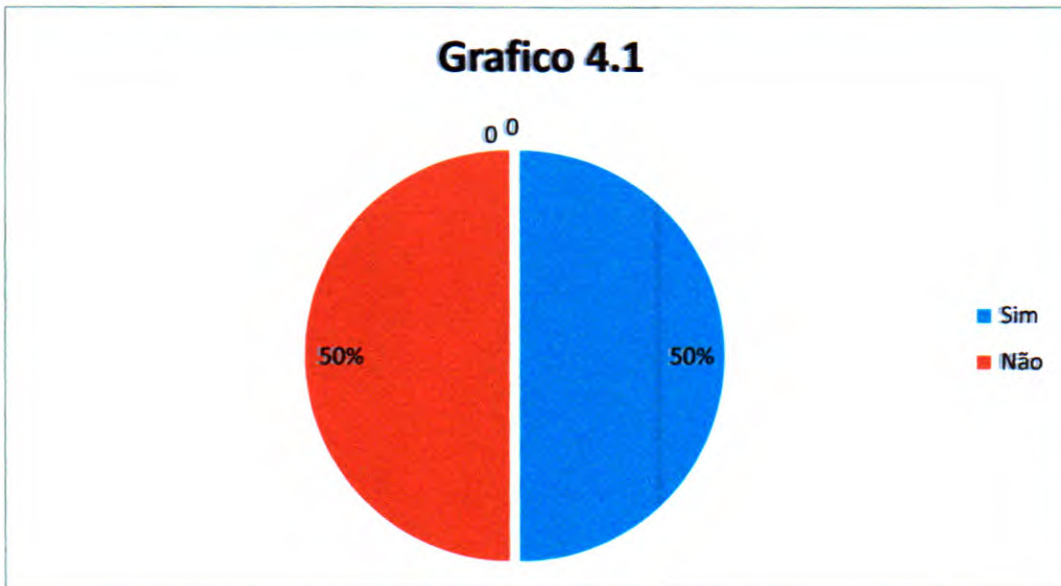
obtidos através dos questionários concluiu que 25% dos entrevistados fizeram algum tipo de abordagem sobre o tema e 75% disseram não ter ainda vivenciado nenhuma situação de abordagem e discussão do tema.

Os resultados demonstram que 3/4 dos professores entrevistados ainda não tiveram situações de discussões sobre educação sexual e sexualidade. Contudo, pode-se observar que 1/4 dos entrevistados já obteve um primeiro contato com abordagens sobre educação sexual, que representa então um grande passo para o entendimento da mesma.

3.5.1 Abordagem escolar

Gráfico 4.1

Abordagem escolar



Fonte: Questionário

A relação escola e família em todo seu contexto é de grande importância para o aprendizado do aluno, pois faz com que essa interação sirva como estímulo ao interesse e troca de informações de ambas as partes por questões que visem à qualidade do aprendizado.

Todavia, na abordagem relacionada a temas de difícil discussão, essa relação às vezes se torna conturbada, tanto por parte da escola como por parte da família. Os professores foram abordados sobre se há apoio por parte da escola em estabelecer esclarecimentos dos alunos em torno da educação sexual, chegando-se

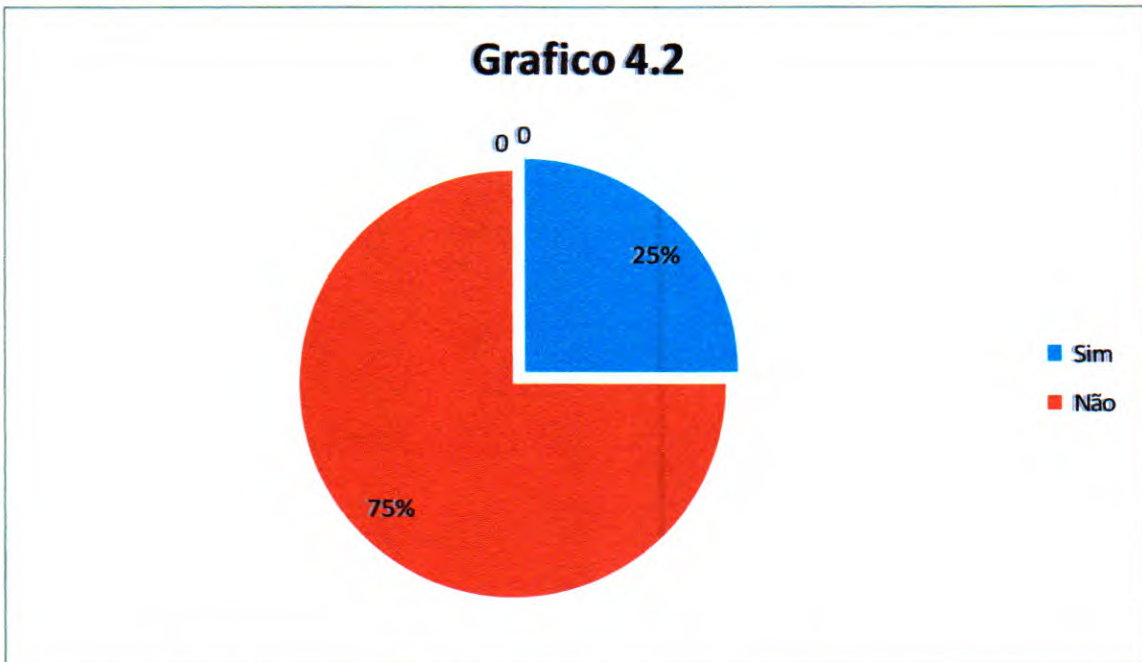
assim à seguinte conclusão: 50% dos profissionais da educação entrevistados disseram que há apoio por parte da escola em discutir o tema proposto e que por mais que ainda não se tivesse uma situação real de discussão os mesmos acreditavam que as escolas estariam preparadas para o debate. Os outros 50% dos entrevistados disseram que não há por parte da escola algum tipo de apoio em discutir abordagens que envolvam o tema educação sexual e seus questionamentos. Esses resultados estão em consonância com os PCN's, visto que

O trabalho de orientação sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio escolha seu caminho (PCN, 1997 p 121.)

3.5.2 Abordagem familiar

Gráfico 4.2

Abordagem familiar



Fonte: Questionário

Em relação ao apoio por parte das famílias em permitir esclarecimentos dos alunos acerca da educação sexual na escola, 25% dos professores questionados disseram haver um apoio por parte das famílias em se debater temas como a educação sexual, e 75% dos entrevistados relataram não haver nenhum amparo por partes das famílias no esclarecimento de dúvidas dos alunos.

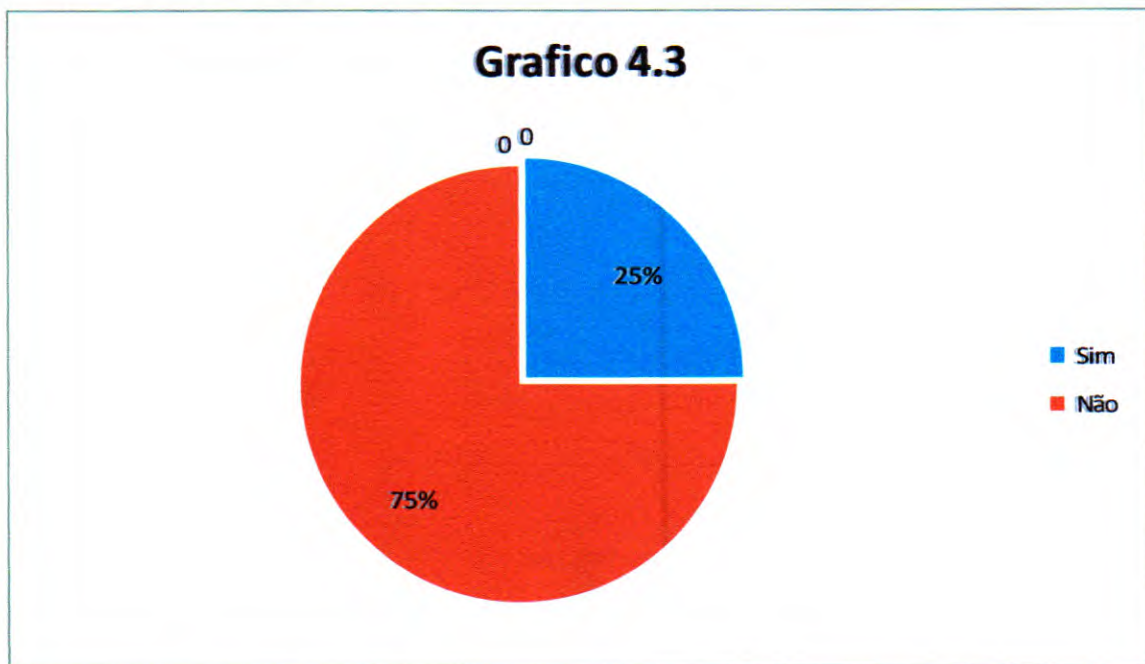
Ressalta-se que as famílias ainda reforçam barreiras ao estudo do tema, resultando assim em uma inibição dos professores, quando questionados por seus alunos sobre questões pertinentes à sexualidade, quanto por parte dos próprios alunos em sanar suas curiosidades.

Não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece. Cabe à instituição de ensino localizar modos de trabalhar o respeito aos diferentes modos de educação. Pois, o fato da família ter valores conservadores ou liberais, professar alguma crença religiosa ou não e a forma como a faz, determina em parte a educação do jovem no ambiente escolar (PCN, 1997).

3.5.3 Abordagem dos alunos

Gráfico 4.3

Abordagem dos Alunos



Fonte: Questionário

Nesta categoria, perguntou-se aos professores entrevistados se quando um aluno faz questionamentos sobre questões sexuais, há por partes dos mesmos alguma atitude de repressão.

Com relação a atitudes de repressão por parte dos professores, 75% dos questionados disseram não haver nenhum tipo de repressão a perguntas dos alunos

sobre questões envolvendo assuntos de conteúdos sexuais, e 25% dos entrevistados disseram que reprimem a abordagem sobre estes conteúdos.

Observa-se que uma elevada parte dos professores procura estabelecer algum tipo de diálogo entre professor e aluno em relação ao tema, procurando não intervir de forma errônea no processo de esclarecimento. Dito de outra forma;

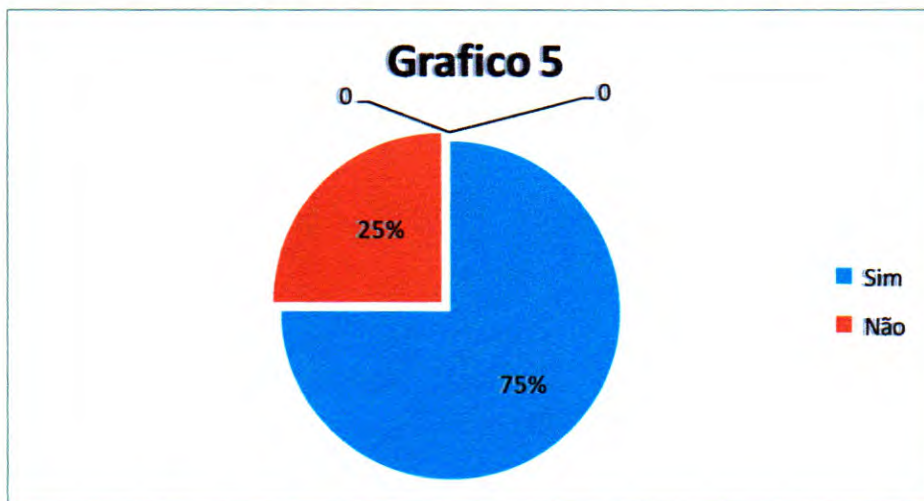
Os professores querendo ou não, deparam com situações nas quais sempre intervêm. Seja no cotidiano da sala de aula, quando proíbe ou permite certas manifestações e não outras, seja quando opta por informar os pais sobre manifestações de seu filho, os mesmos estão sempre transmitindo certos valores, mais ou menos rígidos, a depender dos profissionais envolvidos naquele momento (PCN, 1997 P.113).

O professor deve repassar valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, como forma de responder até mesmo as questões mais simples que são trazidas pelos alunos, sendo necessário que esse mesmo educador tenha acesso a formações específicas em relação à sexualidade nas crianças e nos jovens na escola, construindo uma postura profissional e consistente no trabalho com o tema.

3.6 Postura dos alunos em relação à sexualidade

Gráfico 5.

Postura dos alunos em relação à sexualidade



Fonte: Questionário

Quanto à postura dos alunos em relação à sexualidade, perguntou-se se há por partes dos alunos curiosidades e questionamentos sobre sexualidade e seus temas?

75% dos entrevistados disseram que há curiosidades dos alunos, e 25% dos entrevistados disseram não haver por parte dos alunos curiosidades em relação ao tema. Com isso, evidencia-se que os alunos têm curiosidades em relação ao tema e demonstram tentar sanar esses questionamentos na escola com a ajuda do professor. Na condução dessa tarefa, a postura do educador é de fundamental importância, pois esse trabalho de esclarecimento e a problematização de questões que favoreçam a reflexão, ajudam na formação do lado crítico do educando.

A curiosidade gira em torno da tentativa de compreender o que são realmente relações sexuais, de que forma elas ocorrem, os modos de concepção, a gravidez e até o parto. Todas essas curiosidades precisam ser discutidas pelos professores, assim como ação reflexiva em relação aos preconceitos (PCN, 1997).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise da pesquisa, pode ser observado a necessidade de uma melhor postura dos professores e das escolas em relação à educação sexual. Agregando valores aos questionamentos dos alunos de forma a promover discussões acerca do tema e enfatizar seus principais fatores de abordagem mantendo respeito pela educação na instituição familiar do alunado.

O aluno como foco principal do aprendizado, apesar das diversas mudanças que a educação enfrenta, tem como direito o estudo em toda a sua amplitude e a escola deve estar sempre presente, como instituição maior, quanto ao verdadeiro ato de ensinar. Segundo esta pesquisa, a escola é um dos campos ideais para que o aluno receba orientações dos diversos temas da vida, principalmente, em relação ao sexo e à sexualidade, sempre anexos aos valores reais dos diversos caminhos da educação.

A educação sexual destaca-se nas diversas bases sociais do aluno. De acordo com a análise dos dados pesquisados, há necessidade de forte interação entre escola e família, em seu processo de valorização, devido aos diferentes tipos de abordagens em suas instâncias e que se agregam à postura do professor.

Portanto, em relação ao que realmente é o estudo da educação sexual, precisamos construir e reconstruir alicerces para a longa mudança de pensamentos em relação aos enfoques da temática, para que a disciplina seja valorizada como agente de ensino na vida cotidiana do aluno, na quebra de preconceitos, na difusão de informações corretas e melhor consciência por parte de toda a sociedade. Só haverá uma educação completa e justa a partir do estudo livre e aberto, em que agentes externos e internos com informações errôneas, não intervenham de forma a conturbar o processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, deseja-se que essa pesquisa fomente nos profissionais da educação novos enfoques sobre essa temática de forma a desenvolver novos estudos e proporcionar uma almejada qualidade no aprendizado.

REFERÊNCIAS

 A orientação à anticoncepção e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/default.cfm>

BRASIL. Lei de diretrizes e Bases da educação Nacional. Lei Nº 9394/96, de 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural: Orientação Sexual** /Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental 1997.

BORGES, Ana Luiza et al. **Conversando sobre sexo : A Rede SocioFamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes.** São Paulo. USP. 2008.

(BRÊTAS, José *et al.* **Conhecimentos sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes.** São Paulo. USP.2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa** 1ºed. Rio de Janeiro. 1988.

MARTINS, Laura *et al.* **Conhecimentos sobre Métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes** P.57-64 Ano 2006.

 Organização Mundial de Saúde, a pandemia da AIDS. Disponível em: <http://www.who.int/en/>

PARISOTTO, Luciana. **Mitos e Tabus sexuais** disponível em : <http://www.abcdasaude.com.br/artigo.php?290>

RIBEIRO, Paulo Rinnes Marçal. **Educação sexual além da informação.** São Paulo, CPU,1990.

VIDAL, Diana Gonçalves. **A educação Sexual.** Educação Grandes temas. P. 24-32, Ano. 2008.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA -- PARNAIBA PI
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
DISCIPLINA: PRÁTICA E PESQUISA III

QUESTIONÁRIO

Não há necessidade de identificação por parte dos entrevistados

1º) Você considera importante fazer abordagens sobre educação sexual na escola

sim não

2º) A orientação sexual é um processo de intervenção pedagógica de dever da escola. Você concorda?

Sim Não

3º) Já teve que fazer abordagens sobre temas envolvendo educação sexual, sexualidade ?

sim não

4º) Há um apoio por parte da escola em estabelecer esclarecimentos dos alunos em torno da educação sexual?

sim não

5º) Há um apoio por parte das famílias em permitir esclarecimentos dos alunos em relação à educação sexual na escola

sim Não

6º) Há por parte dos alunos curiosidades e questionamentos sobre sexualidade e seus temas

sim Não

7º) Quando um aluno faz questionamentos sobre questões sexuais, há por você uma atitude de repressão

Sim Não

8º) Você concorda que para um melhor esclarecimento da educação sexual, tem que haver uma integração família e escola

sim Não